

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semestre 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º & entrega	5.º ANNO — VOLUME V — N.º 137	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	600	120	11 DE OUTUBRO 1882	LISBOA, RUA DO LORETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 42
Possesões ultramarinas, (idem).....	4\$000	2\$000	5	5		Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
Estrangeiro (união geral dos correios).....	5\$000	2\$500	5	5		
Brazil (moeda fraca).....	15\$000	7\$500	5	5		

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO — Antonio Rodrigues Sampaio, EDUARDO COELHO — Exposição retrospectiva de Arte Ornamental, em Lisboa, R. — As nossas Gravuras — Pinhal do Urso, SOUSA PINHEIROS — Successos do Egypto, R. — Ephemerides Artistico-Litterarias, SILVA PEREIRA — Publicações.

GRAVURAS. — Henrique Stanley — Defesa de Lisboa, Vista geral do forte do Bom Sucesso, Uma bateria do forte do Bom Sucesso e peça Krupp — Pinhal do Urso — Povoação de Vazim, Largo das Dóres — Templo de Neptuno — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Permittam, meus senhores, que lhes vende os olhos, que os metta n'uma carruagem, como se faz nos romances mysteriosos, e que depois de os fazer andar ás voltas, como n'uma associação maçónica, para perderem a consciencia do logar, os introduza n'um vasto recinto.

Podem tirar agora o lenço dos olhos, como o tenor da *Favorita* quando entra nos jardins de Leonor.

O recinto está cheio d'amigos seus, e nossos dos mais queridos, dos mais sympathicos, dos mais considerados pela sua intelligencia sã e clara, pela sua illustração variada e profunda.

Não lhes fallem e ouçam-no's.

Um conta o dialogo que na noite antecedente teve com Napoleão o Grande acerca da tactica de Wolsley na campanha do Egypto.

Outro, refere o que na vespera Santa Thereza de Jesus lhe communicou a respeito dos seus extasis mysticos. Outro narra a lamuria que lhe fez Gil Vicente a respeito da decadencia do theatro portuguez. Este retrata-se solemnemente das suas opiniões anti-clericaes por-



HENRIQUE STANLEY

que o proprio Ignacio de Loyola lhe acabou de dizer, ainda não ha uma hora, que os jesuitas não são perigosos e ainda são precisos: aquelle falla de cadeira acerca do estranho e discutido Hamlet, porque n'esse momento Shakspeare lhe acaba de desvendar todos os mysterios da interpretação do seu personagem: aquell'outro esfrega as mãos de contente porque um ente querido, que elle adorava na terra, lhe communicou ha minutos que está em Jupiter, e que se passa lá muito bem: e nenhum d'elles se pôde demorar muito a fallar nas futilidades da vida, o sr. A tem á sua espera Nero, para lhe perguntar lá umas coisas acerca da tyrannia dos cesares: o sr. B não quer fazer esperar Moysés, que lhe vae explicar como foi aquella historia de tirar agua d'um rochedo: o sr. C vae interrogar o Goethe sob um ponto confuso do seu segundo Fausto: o sr. D tem que pedir umas explicaçõesinhas a Carlota Corday sob a maneira de dar cabo dos tyrannos: o sr. E precisa saber em que planeta está o seu inquilino que lhe ficou a dever dois semestres o sr. F está morto por ouvir a opinião de Abeillard acerca de certos assumptos de actualidade lisboeta, o sr. G não pôde estar a perder tempo porque vae cavaquear com o sr. de Voltaire.

E todos dizem isto muito convencidos, com uma grande seriedade conscienciosa, como se viessem de fallar com o sapateiro e tivessem á sua espera os seus eleitores.

Digam-me agora, meus senhores, onde foi que eu os conduzi!

— Ao pateo de Rilha-folles, responder-me-hão todos.

Pois estão redondamente enganados: conduzi-os simplesmente á cidade de Lisboa, no anno 82.º do seculo 19 da Era christã.

E não estão a caçar commosco; estão profundamente convictos. Não é um punhado de analfabetos supersticiosos que assim fallam: é um



120

grupo de rapazes dos mais illustrados e intelligentes, são homens de letras, homens de sciencia, artistas, medicos, jornalistas, homens serios, incapazes de nos enganarem com falsas convicções, homens de estudo experimental, rebeldes as supstições do fanatismo.

Francamente, eu se fosse estrangeiro e entrasse agora pela primeira vez em Lisboa, que fosse para mim uma cidade ignorada, como o é aliás para quasi todos os estrangeiros, e caísse na corrente espirituista que arrasta grande parte da população pensante da capital, julgar-me-ia no meio d'uma tribu de fetichistas, desconhecidos e extravagantes. Se chegasse d'uma longa viagem, se regressasse a Lisboa depois de demorada ausencia, e reconhecesse invocadores dos espiritos, excellentes e talentosos amigos meus, julgar-me-ia victima d'uma mystificação de bons *farceurs*, unidos, em bem combinada conspiração, para me fazerem um *tour colossal*.

Não me acontece porém nada d'isso: assisti quasi ao nascer desse extranho momento dos espiritos, que rapidamente se alastrou por toda a cidade, e em vez de esfregar muitas vezes os olhos como nos antigos dramas os galans deslembados, só me resta pôr as mãos sobre as mezas de pé de gallo — que, entre parenthesis está hoje sendo o melhor negocio de Lisboa, já se vendem a dez tostões, ellas que d'antes, sem espiritos, nunca alcançaram mais de dezoito vintens — e invocar não os espiritos dos mortos, mas o *espirito dos vivos*, para não fazer com que dentro em pouco a arte de carpinteiro, enobrecida pela pluma de S. José venha a ser mais rendosa que o officio de contador do tribunal de contas, encarecido pela ociosidade de todos os grandes politicos portuguezes.

E a respeito do spiritismo, disse por hoje, porque se não tenho a honra do sr. de Voltaire estar á minha espera para o cavaco, tenho dois assumptos importantes que não admittem esperas — a companhia lyrica de S. Carlos, e um drama original no theatro de D. Maria.

Não poupámos no anno theatral findo censuras á empresa de S. Carlos pela companhia deploravel que nos apresentou, pela má direcção na escolha dos artistas, pela detestavel epocha lyrica que deu ao publico de Lisboa; hoje não pouparemos elogios a essa empresa pela companhia realmente excepcional que nos trouxe.

Inegavelmente, confrontando o elenco de S. Carlos com os das grandes operas italianas da Europa chega a ser incomprehensivel, como o theatro de S. Carlos, pôde apresentar pelos preços excessivamente baratos dos seus lugares, uma companhia igual, senão superior, ás dos primeiros theatros do mundo.

Passemos rapidamente em revista essa companhia tão notavel pela quantidade de artistas, como pela qualidade da maioria d'elles.

Temos em primeiro logar a sr.^a De Reské, uma das mais brilhantes estrellas do mundo lyrico contemporaneo, uma artista em plena nomeada, que vem da grande opera de Paris onde fez notavel carreira e onde creou com grande successo a protagonista da opera de Massenet *le Roi de Lahore*.

Ao lado da sr.^a Reské, a sr.^a Pasqua, hoje o primeiro contralto da Europa, uma artista completissima, sem um senão ao menos, voz magnifica, methodo excellent, talento formosissimo de cantora e de comedante, plastica inreprehensivel, a *avis rara* dos contraltos, em suma.

A sr.^a Marianina Lody, soprano ligeiro de primeira ordem, que se não é uma notabilidade como a Patti ou a Donadio, é uma cantora notavel, de boa escola e de excellent voz.

A sr.^a Wanda Miller, finalmente uma artista apreciavel, que tem uma voz agradável, embora de pouco volume, e que se por emquanto ainda não despertou grandes enthusiasmos, tem sido ouvida com agrado.

A sr.^a Leôni, que não vale muito realmente, mas que não vem escripturada em primeiro lugar, e que desempenhará rasoavelmente, os pequenos papeis, que lhe forem encarregados.

Dos cantores, sem fallarmos em Gayarre que ainda não está em Lisboa, e que não faz parte effectiva da companhia, temos tres, de primeira ordem em qualquer theatro do mundo, o tenor Barbacini, que possui um methodo de canto magnifico, e supre com uma expressão excepcional a falta de volume da sua voz suave e bem timbrada, o barytono Aldighieri, nosso velho conhecido, ainda em plena posse de todos os seus bellos dotes artisticos, e o baixo De Reské cantor notavel, que phrasea esplendidamente, e que teve um justo successo no Mephistopheles do *Fausto*.

No segundo plano, tambem não temos insignificantes. Dois tenores ligeiros muito apreciaveis Signorette e Piazza, um barytono que se nos afi-

gura ser uma futura celebridade, o sr. Sivori: e um baixo já nosso conhecido que tem uma das vozes mais sonoras frescas e bem timbradas que se tem ouvido em S. Carlos — o sr. Navarini.

Caso raro no theatro de S. Carlos toda a companhia foi bem aceite pelo publico, e nem a um só dos artistas apresentados terá que ser rescindido o contracto. Este applauso do publico para toda a companhia é o elogio da empresa que a escolheu e escripturou.

Os effectos da boa companhia está S. Carlos gozando já. Cada noite de espectáculo é uma enchente enorme. No anno passado, nem em noites d'opera nova o theatro se enchia.

Até agora tem-se cantado tres operas, *Aida*, *Lucia* e *Fausto*, todas ellas agradaram, mas o grande successo foi da *Aida*. Nunca a esplendida opera de Verdi foi assim cantada e ensaiada em Lisboa, devido aos actores notaveis incumbidos dos principaes papeis, e ao maestro que ensaiou a opera, o sr. Dalmau, um artista perfeito, que tem muita sciencia e muito talento, e que descobriu na musica da *Aida* effectos, até agora, para nós desconhecidos.

O publico tem victoriado muito o maestro Dalmau, e os primeiros artistas de S. Carlos, e tem feito plena justiça.

Se a epocha continuar como começou, Lisboa terá com certeza uma estação lyrica como ha muitos annos não tem.

— O theatro de D. Maria deu um drama original portuguez, *O Casamento Civil* pelo sr. Cypriano Jardim.

O drama tem sido violentamente agredido pela critica a ponto d'essa violencia chegar ás vezes até a agredir a empresa, por ter posto em scena a peça.

Toda a gente falla muito na decadencia do theatro portuguez, na falta de peças originaes, mas tão depressa apparece um original toda a gente trata logo de o demolir.

Achamos uma maneira original de animar a litteratura dramatica nacional.

Nós não atacamos nem defendemos *O Casamento Civil*, mas o que entendemos é que é perfeitamente absurda a exigencia do publico e da critica em querer, que as peças originaes sejam pelo menos tão boas, como as melhores peças estrangeiras, que os theatros portuguezes escolhem, á larga, nos vastos reportorios francezes e hespanhoes.

Não pedimos a agua benta do elogio permanente, para as peças portuguezas, mas o que pedimos é que a critica em vez de atacar as peças com uma violencia que denota mais odio que criterio, as aprecie friamente, e tendo sempre em vista que a 1.^a, 2.^a ou 6.^a peça d'um auctor portuguez qualquer, nascido e criado no nosso meio, não tem obrigação alguma, de competir com a 20.^a ou 26.^a peça dos auctores exceptionaes da França, que alem do seu talento fóra do vulgar, e alem do seu grande tirocinio litterario, muitas vezes cheio de peças caídas, educam-se e fazem-se, e vivem em Paris, que para litteratura e artes não é precisamente Lisboa.

Mas entre nós não se olha a nada d'isso. Viu-se ante-hontem a melhor comedia de Paileron, viu-se hontem a ultima peça de Sardou a sua trigessima ou quadragessima peça, apparece hoje uma comedia, que é a primeira ou a segunda, d'um auctor portuguez, que, mesmo dado que tenha o talento igual, áquelles que são excepção em França e no mundo, faz as suas primeiras armas, e não tem ao seu dispor os elementos indispensaveis e preciosos que os theatros francezes põe ao dispor dos seus grandes dramaturgos, apparece essa comedia, e se não é pelo menos tão boa, como a de Sardou e a de Paileron, o auctor é condemnado pela critica e pelo publico.

Resultado d'esta *protecção* singular, dada á litteratura dramatica portugueza, por quem todos choram em altos gritos: —

Os auctores vão rareando de dia para dia, deixam de fazer originaes e fazem traducções, e tem carradas de razão. Um original leva tres mezas a fazer, pelo menos, uma traducção faz-se em tres dias: um custa a metter no theatro, o outro é solicitado com empenho: um não dá senão dessabores, outro não dá senão boas receitas. Quem é que hade fazer dramas originaes?

— A ultima hora apparece-me da provincia uma resposta terrivel a esta pergunta: Quem faz dramas originaes? fal-os em Rendufe Maria Ferreira e em Gulphilares Balbina Guerra, dois dramas mais realistas que todos os dramas de Zola, e mais melodramaticos que as peças de Ducange; duas mulheres que matam os maridos, com todos os requintes da malvadez e da crueldade para despiciarem Portugal dos Fenayrons

de Pecq, e para darem interesse dramatico aos noticiarios pacatos dos jornaes da provincia.

Gervasio Lobato.

ANTONIO RODRIGUES SAMPAIO

(Continuado do numero antecedente)

Sampaio governou Bragança até 1839, em que foi transferido, como administrador geral, para Castello Branco, cargo que occupou pouco tempo, sendo demittido por haver feito processar a camara, que não queria obedecer a uma resolução do conselho de districto.

Pouco depois veio para Lisboa com sua esposa, que aqui falleceu em 1844, vivendo ao tempo em que dez annos depois começámos a frequentar a sua casa, em companhia do seu sobrinho Antonio Rodrigues Sampaio Junior, duas criadas velhas fidelissimas, e um criado, sobre o sensivel coração no qual cabiam como bombardas inflamadas as verrinas que o *Portuguez* e outras folhas dirigiam a seu amo, quasi sempre desforras d'aquellas classicas lançadas de condestavel que o eminente jornalista vibrava com tão certa pontaria ao lado vulneravel dos seus antagonistas.

— Manuel, da-me o *Portuguez*, dizia elle ao creado.

Manuel, com as lagrimas nos olhos: — *Num beio óxe, patron!*

Era mentira. O jornal fóra escondido, de combinação entre as creadas, receiosos de que *desse alguma coisa* ao patrão.

— Vae buscal-o, anda, respondia Sampaio. Nunca me mataram as ballas de chumbo, não heide morrer das de papel.

E' que trazia verrina d'escaldar.

Mas não antecipemos.

Quando chegou a Lisboa o ex-administrador geral de Castello Branco, desejava de proseguir no serviço do *partido setembrista*, de que se constituiu ardente soldado, esse partido tinha amorticada a sua fé. A sua maioria fizera-se *ordeira*. A existencia da Constituição de 1838 estava abalada, não só pelo desfallecimento dos proprios *setembristas*, como pelas conspirações dos *cartistas*, partido que se ia fortalecendo, tendo por inspiradora a rainha, que não se sentia bem fóra da constituição outhorgada por seu pae. José Estevão, tendo sido um dos notaveis constituintes de 1838, anno em que creára o *Tempo*, para attrahir mais adeptos á causa *setembrista*, vendo quasi quebrado o pacto d'esse *noivado da coroa com a nação*, como elle dissera na constituinte, fundou em 1840 com Mendes Leite, seu collega, patricio e companheiro, a *Revolução de Setembro*, cujo 1.^o numero se publicava em 22 de junho de 1840. Esse ia ser o invencivel baluarte das conquistas da democracia, feitas n'um longo martyrologio, que ainda não acabara. Era ahi que ia aureolar-se dos esplendores, que a imprensa está fazendo luzir sobre a sua campa venerada, o cidadão illustre que, ao empunhar definitivamente, cheio de valor e de talento, esse estandarte de progresso e de liberdade, que até ali já defendia com sua collaboração, fazia a sua profissão de fé jornalística em duas phrases que definem um caracter:

— «Queremos antes a guerra da liberdade do que a paz do despotismo!»

A restauração da carta, proclamada a 27 de janeiro pelo ministro da justiça, Costa Cabral, no Porto, tornára este estadista chefe de um partido e de um governo forte e violento, intransigente com todos os antagonismos, e seu duro vingador.

A *Revolução de Setembro* era o seu contendor robusto e logoso, que lhe não poupava accusações a todos os actos e desmandos, que transcendessem os limites da razão, e dos principios; e eram muitos. O paiz estava agitado. Multiplicavam-se as representações e protestos contra o governo. Os elementos revolucionarios andavam em palpitante effervescencia. O governo pediu, e as cortes votaram a suspensão das garantias, e a da publicação dos jornaes. A mordaza era principalmente ajustada á *Revolução*.

A's 11 horas da noite de 6 de fevereiro publicava esta o seu eloquente protesto: «*Resta-nos uma hora para escrever... d'aqui a pouco a publicidade, condição indispensavel do systema constitucional, será vedada; os presos condemnados como arietes da anarchia; os typos destruidos como projectis da revolução; calar-se-ha o jornalismo; o silencio da escravidão pesará sobre*

este paiz como uma campã de marmore negro sobre o tunulo! Estas palavras fazem estremecer.

Rebentãra a revolta de Torres Novas; José Estevãõ tentãra, em vãõ, levar o povo a adherir a ella. Era cedo. As forças haviam-se cencentrado na praça de Almeida. As tropas do governo fizeram-lhes cêrcõ. Foi força capitular. José Estevãõ emigrou para França. A *Revolução de Setembro* reaparecia a 24 de maio, fazendo n'um artigo, digno dos *Annaes* de Tacito, a historia das causas da revolta, que ella não applaudia, mas que justificava. Ha ali phrases que valem poemas: «Não servimos para sacerdotes do mêdo; nem collocamos o nosso idolo no altar da fortuna. Frente a frente com o despotismo, combatemol-o com todãs as nossas forças; quando elle succumbir não insultaremos os vencidos; nem espoliaremos os mortos; — defenderemos os direitos do povo, e quando elle triumphar, não lisonjearemos o vencedor, que é esse o crime dos fracos...»

Este grito firmissimo da consciencia tem hoje alguma coisa de homérico.

A 20 de maio eram presos os compositores e distribuidores, e os redactores perseguidos, a pretexto de uma falta de formalidade na habilitação, e que no tribunal se não provou. Durante 9 dias o jornal só publicou meias folhas. Esta syncope jornalística prolongou-se. Fazendo o balanço do anno de 1845 a *Revolução* descrevia com fortes effeitos de claro escuro violencias irritantes: «A invasão da força armada na urna, que deve ser livre como a consciencia, e independente como o pensamento; a independencia castigada, e o crime triumphante; a liberdade morta com violencia; nunca houve administração tão odiada; systema tão aborrecido; nenhum principio moral o sustenta; porque não dá garantia a nenhuns interesses legitimos. Este anno nefasto deve exercer grande influencia sobre os nossos destinos.»

O seu espirito vidente tornava-o propheta diante das convulsões do vulcão que referia.

A 26 de abril, 1846, eram mais uma vez suspensas as garantias: «Estamos em vespervas de ir para o oratorio, escrevia elle; vamos fazer as nossas ultimas disposições... As garantias do cidadão, a liberdade de imprensa estão suspensas... Pouco é o que perdemos, porque pouco era o que tinhamos. As garantias não existiam, — o povo era fusilado, os cidadãos presos sem culpa formada, os presos conservados na cadeia depois da sentença absolutoria; o despotismo existia de facto.»

Rebentava a revolução do Minho. Todo o districto de Braga e parte do de Vianna estavam sublevados. Falla a alma do povo:

«O paiz está divorciado do governo: a lucta será desesperada... Troou a hora fatal!»

Até 28 de maio esteve suspenso o jornal. N'esse dia de resurgimento, em que a corõa fizera concessões, commentava Sampaio os acontecimentos com a serenidade do prudente, sem odio, nem impaciencia: «O ministerio está organizado. Não sabemos se a anciedade publica está satisfeita... A capital foi muda espectadora d'esta lucta. Lisboa, a captiva, Lisboa a vencida, não soube exprimir a sua vontade, nem na urna, nem na praça; soffreu o jugo da tyrannia e não o repelliu; queria vencer sem combater... O que o povo quer é paz e justiça.»

Elle não acreditava na efficacia d'esta transacção com a revolução; julgava-a de má vontade, e não era — d'essas almas que pertencem ao resultado, caracteres immundos, entusiastas por todas as tyrannias que nascem, reprovadores de todas as tyrannias que succumbem; — entendia que: «a virtude está em atacar a prepotencia, proteger os interesses ameaçados e valer aos fracos.» — «E' preciso no interesse do povo dar garantias á revolução!» N'este periodo o grande jornalista era o oraculo d'ella. Esperavam-se com anciedade as suas opiniões e os seus conselhos em todos os centros pensantes das provincias. A *Revolução* era a *Marselheza* do tempo. Incendiava os animos. Reunia-se a multidão nas praças para ouvir lêr o numero recém-chegado pelo correio. Os paes tambem liam aos filhos enternecidos aquelle previdente Abacuc.

Appareceu a proclamação da rainha assignada por Palmella e Terceira, prometendo abolir as leis tributarias e sanitarias que foram a causa determinante da sublevação no Minho e offerecendo vantagens e concessões. O nobre tribuno escrevia então. «Raiou a liberdade, porque o povo nol-a deu... A corõa accordou ao estrondo do canhão... Promette-nos um governo de amor. A promessa é lisonjeira. Não queremos senão que se realice.»

E o governo foi accetando muitas das suas intimações em nome da revolução, para legalisar a obra d'esta, de que elle era o interprete

moderado, sensato, e independente. Em julho já elle assegurava: «O sentimento geral pronuncia-se contra a marcha da administração.»

Quando a 20 de julho se deu no salão do theatro de D. Maria II o grande banquete aos emigrados da revolta de Torres Novas, que haviam regressado do estrangeiro, sendo friamente recebidos pelo governo — conde de Bomfim, José Estevãõ, Cesar de Vasconcellos e Mendes Leite, — Sampaio, fazendo a 13.ª saude, á tribuna livre, em nome da *imprensa independente*, por serem «a tribuna e a imprensa os órgãos vitales da liberdade,» declarou com a infantil sinceridade que sobredourava o seu caracter:

— Senhores: é a primeira vez que fallo em publico.

E com a mesma sinceridade indicou o papel immenso que representãra:

— As virtudes do povo exerciam sobre nós uma pressão tão forte que nos obrigava a formular as suas necessidades.

«Resumia-mos o pensamento geral da nação. Todo o paiz pensava como nós; mas pensava melhor do que nós.»

Modificou-se o governo. Fez-se uma boa lei eleitoral. Ia proceder-se ás eleições. Antonio Rodrigues Sampaio era um dos propostos da associação eleitoral no apuramento de 5 de outubro. Mas soprou ainda o vento do retrocesso. No dia 6 a rainha obrigava o duque de Palmella a assignar a demissão do ministerio. Era a chamada — *Emboscada de 6 de outubro*.

Sampaio protestou inergicamente. A sua voz de bronze era a dos convencionaes. — «Enganaste-vos, cortezãos conspiradores; outra vez fazeis beber á filha dos reis o calix da amargura!... Sois muito pequenos diante do paiz.» A *Revolução de Setembro* emmudeceu forçada pelo despotismo. Ia surgir o *Espectro*. Esboçaremos a historia romanesca d'essa celebre publicação clandestina.

Aquella pequena folha correspondia no seu momento a uma necessidade imperiosa do espirito publico. Era a cratera por onde o vulcão respirava. Contava as impressões e os soffrimentos publicos; soltava protestos activos contra a oppressão em nome dos direitos do povo.

«O *Espectro* é a sombra das victimas que acompanharã sempre os seus assassinos e oppressores, — é a *umbra mortis*, esse phantasma que não deixa o rico no seu palacio, o pobre na sua cabana; é o innocente a clamar vingança contra o seu perseguidor, é o dedo invisivel da Providencia a escrever nas paredes da casa de Balthasar a sentença da sua morte. O *Espectro* nem se assigna nem se vende. Assim foi o *Ecco de Santarem*,» dizia o 1.º numero de 16 de dezembro de 1846. Em 23 de outubro escrevera o auctor um pamphleto de 4 paginas: *O estado da questão*, observando que se a revolução vencesse «o chefe do estado tinha que abdicar, porque um rei vencido não é rei.» O jornal revolucionario media pouco mais de metade do formato do *Occidente*. Sairam 63 numeros. Muitos foram reimpressos e a colleção toda finda a lucta.

Toda a policia de Lisboa buscava soffrega o esconderijo onde se occultava a redacção e a imprensa. O *Espectro* desmorteava-lhe o furo. A imprensa onde quer que fosse se improvisava. Na casa em que hoje mora Pinheiro Chagas e é propriedade sua, a Santa Izabel, e em que então habitava Thomaz Quintino Antunes, imprimiram-se dois numeros com utensilios mais rudimentares que os que serviram ás experiencias de Gutenberg, em Strasburgo:

A caixa para o typo improvisou-se de papelão, e o prelo fez-se de uma galé em que se impozeram as paginas duas a duas e com uma tampa estofada de papel, produzindo-se a pressão com o auxilio de uma alavanca fincada n'um boraco da parede!

Ainda existe o corajoso typographo que no periodo mais difficil acompanhou o redactor do *Espectro* na sua clandestina peregrinação atravez dos subterraneos, e das trapeiras.

São d'elle, de Costa Pratas, as obsequiosas informações, que aqui resumo, e que são subsidios para a historia do jornalismo portuguez, por escrever.

O *Estado da Questão*, imprimiu-se ainda na typographia da *Revolução de Setembro* na rua dos Calafates n.º 114. Este jornal fazia-se anteriormente em casa de J. B. A. Gouveia, rua do Carvalho n.º 95 e na rua da Atalaya, 33, 1.º O *Ecco de Santarem* fôra impresso em casa de José Elias da Costa Sanches, nas ruinas da igreja de Santa Catharina. A policia fôra ali uma manhã dar busca rigorosa, mas não ouviu sequer um tenue som asmorecido do sinistro *Ecco*. As fórmãs haviam sido convertidas n'um furioso *pastel*, e a cabeça ou titulo do jornal escondera-o,

por inspiração salvadora, uma das filhas do honrado impressor dos cartazes e operas de S. Carlos, em logar sagrado, em que os Argus da policia não podiam pousar a pata brutal, no seio,—

Antonio Rodrigues Sampaio estava então escondido em casa do padre Carvalho, na agua furtada do predio com face para a Patriarchal Quemada, entre o Moinho de Vento e a rua Formosa.

Pratas fôra lá pedir-lhe auxilio para passar a Setubal, afim de poder ir ajuntar-se á insurreição popular, visto que o trabalho typographico cessãra todo. Sampaio significou-lhe que podia servir a causa da revolução encarregando-se da composição de um jornal clandestino que hia crescer. Pratas accetou, e com duas caixas de typo e um prelo de madeira velho levados da typographia da *Revolução*, organisou-se a imprensa n'um subterraneo ao fim da rua de S. Caetano, esquina da do Chafariz das Terras, casa que estava arrendada por José Estevãõ, tendo as chaves José Miguel da Costa, editor da *Revolução*.

Ahi era composto e impresso o *Espectro*, cujos exemplares eram trazidos por um velho aguadeiro do chafariz da *Esperança* dentro do seu barril, de tampo movel, que se abria para distribuir cautelosamente aos *patuleias* sequiosos aquelle ardente elixir revolucionario. Uma velha que servia a typographia da *Revolução* levava debaixo do capote alguns exemplares ao redactor, e para distribuir pelos amigos. Os agentes do governo andavam congestionados de desespero. Um dia passeiava um d'elles desfarçadamente na rua de S. Caetano. O compositor, por fortuna, observou-o e adivinhou o seu intento. Foi participar logo o perigo a Sampaio. — Não demoremos, tornou elle:

«... Eu nunca louvarei.

O capitão que diga: não cuidei.»

Pratas lembrou a pequena typographia subterranea de outro *patuleia*, o Costa ou *Cóxo da Lapa*, na rua do Quelhas. Ahi foi aninhar-se a a aguia. Uma vez estavam alguns operarios typographos, reunidos n'uma carvoaria para passarem para o sul do Tejo a reunir-se ás forças populares, e a policia prendeu-os. No quartel do Carmo um d'elles, buscando livrar-se, offereceu-se para descobrir o esconderijo do *Espectro*. Acompanhado por um municipal fez prender muitos compositores suspeitos. Pratas porém mais vigilante escapou, escondendo-se.

Recebeu-o hospitaleiramente depois um compositor, seu amigo, n'um dos quartos que alugava no convento dos Barbadinhos o fundador do *Gratia*, Portugal e Silva, que era um dos mais ardentis sectarios do governo, e seu empregado administrativo. O compositor fiel do *Espectro* não o abandona ainda n'este aperto. Compôz o numero do jornal e imprimio-o na typographia do proprio Portugal, no momento em que elle era administrador do concelho de Almada e procurava no seu concelho a typographia do *Espectro*!

N'essa occasião fôra Sampaio refugiar-se em casa do proprio governador civil, que, por lealdade, o não podia denunciar. A folha temida saiu dos Barbadinhos n'um cesto de hortaliça misturada com outras folhas, frescas e inoffensivas, de couve e alface. O *Espectro* voltou a imprimir-se na rua do Quelhas. Tomou, pouco depois conta da impressão Luiz da Silva Coutinho Junior, que ficou fazendo companhia fiel a Sampaio até á morte, como director typographico, e, nos ultimos tempos, gerente da *Revolução de Setembro*, que tem n'elle o seu melhor sustentaculo.

(Continua).

Eduardo Coelho.

EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA

DE

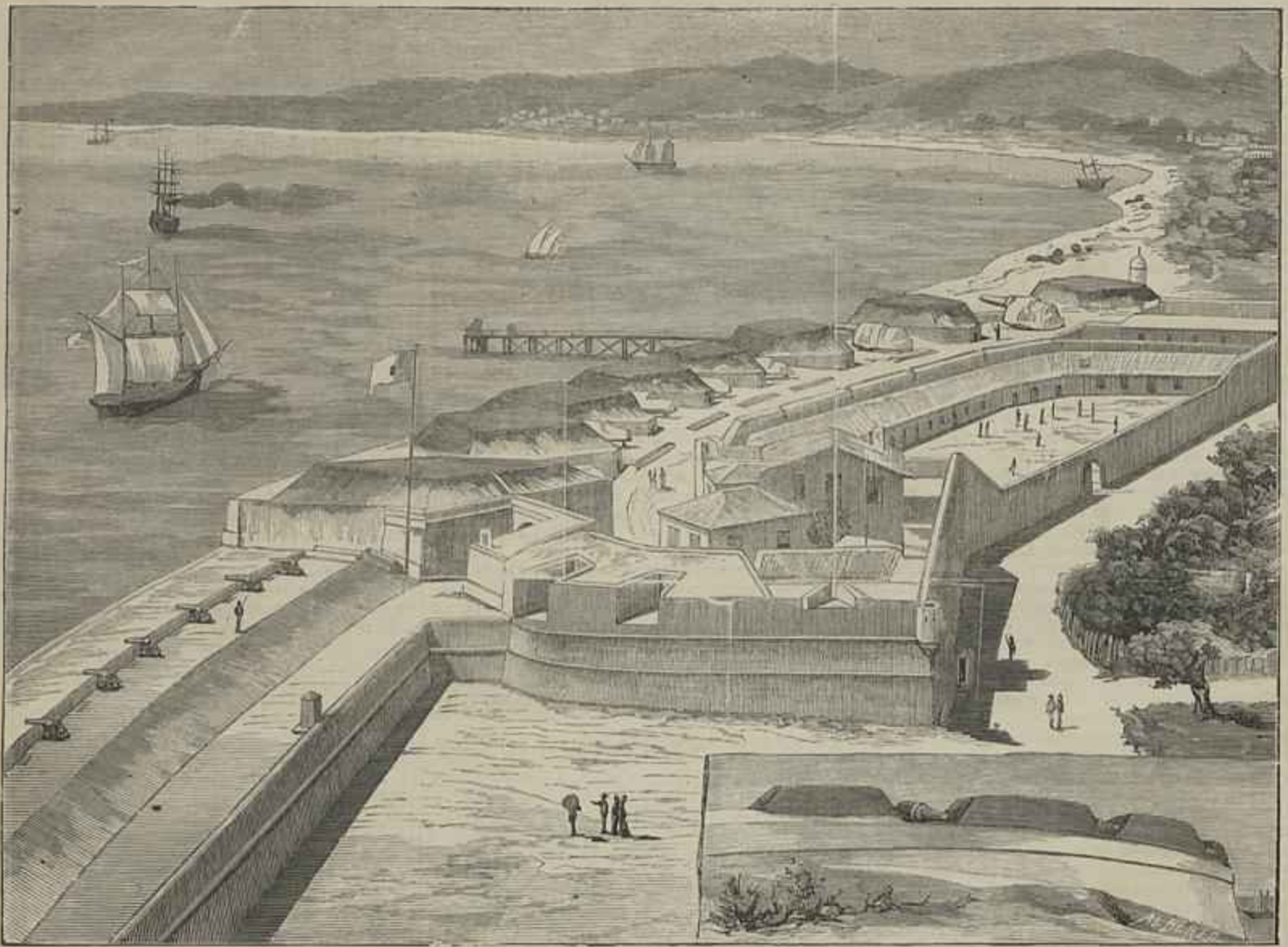
ARTE ORNAMENTAL

EM LISBOA

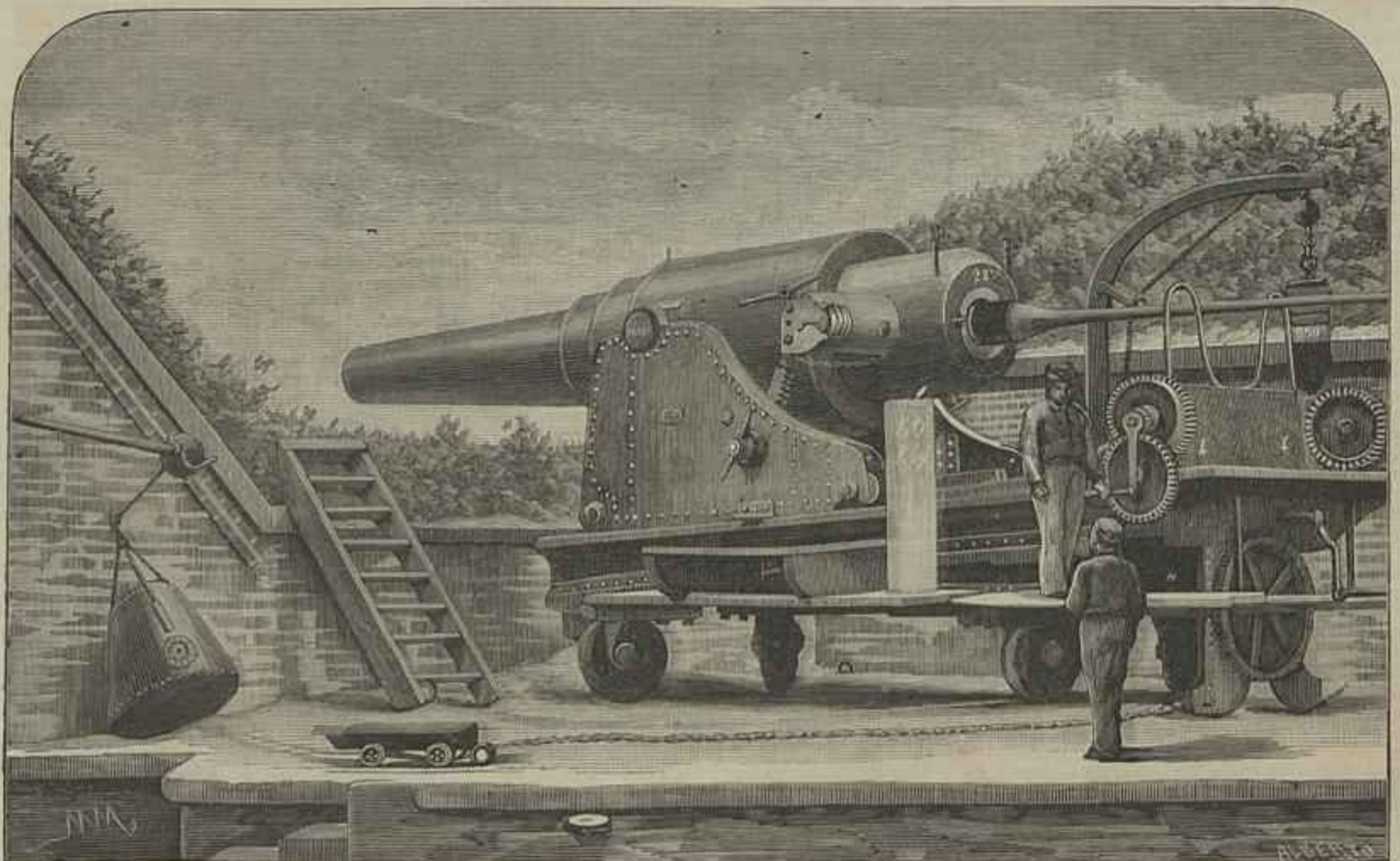
XXXII

A patena n.º 27, já foi descripta no nosso n.º 114. O cofre n.º 29 de prata dourada e rebatida é uma peça muito notavel, mas não nos parece trabalho portuguez, assim como o relicario n.º 30 de cobre dourado; os labores, rendilhados e principalmente as estatuetas estão denunciando obra extranha.

DEFEZA DE LISBOA



VISTA GERAL DO FORTE DO BOM SUCESSO (Desenho do natural por Macedo e Christino)



UMA BATERIA DO FORTE DO BOM SUCESSO E PEÇA KRUPP (Segundo uma photographia)

E' tambem muito digna de atençaõ a cruz de estillo bysantino (n.º 4) E' de cobre dourado e na sua face anterior estão representados em gravura o Salvador e nos extremos das astes os emblemas dos evangelistas; por cima da cabeça a sabida inscripção *JHVS NAZAREN' REX JV: KORVOS*, a qual me parece estar denunciando um trabalho de origem grega. Na outra face representa-se o *Agnus Dei* e varios arabescos. As linhas da construcção d'este artefacto são muito puras e a sua estructura conserva a simplicidade dos monumentos da sua epocha, devendo ser anterior ao seculo XII.

O cofre (n.º 50) de madeira forrado de cobre esmaltado tambem é mui digno da nossa atençaõ. E' da mesma epocha que o antecedente. Apresenta em cada face seis quadros representando anjos e passos da escriptura. Na face que serve de porta tem a figura de S. Pedro e na correspondente representa qualquer acto religioso, em que os individuos apparecem com tochas nas mãos. E' muito curioso e simples.

Deixando muitos outros e importantissimos artefactos, de que tinhamos tomado nota e feito descripção, mas que hoje já perderam todo o effeito da actualidade, mencionaremos os seguintes, pela sua importancia historica.



PINHAL DO URSO (Segundo uma photographia de Loureiro)

XXXIII

Ainda ha pouco lemos em um jornal que a porcellana havia sido descoberta em Portugal já no presente seculo, quem taes asserções aventura, não olha decerto para os documentos es-

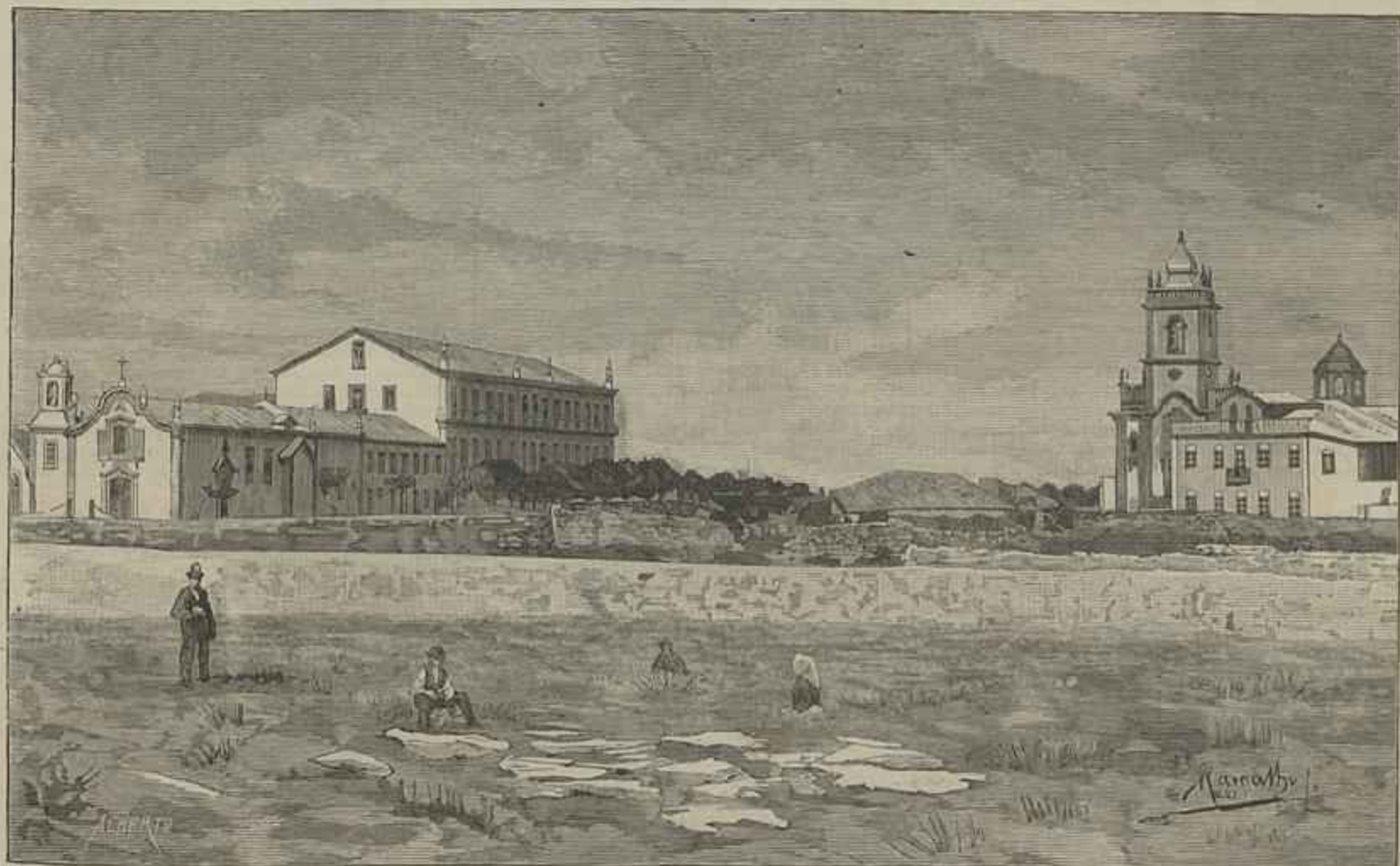
criptos, e demais a mais estampados na propria substancia ou materia de que se trata.

Na mesma sala G, n.º 56 57 e 58 tinham os escriptores o documento, e o desmentido á sua gratuita asseveração.

O 1.º é uma medallha em porcellana, que em uma das faces representa um cavalleiro, e n'ella tem a seguinte legenda: REAL ESTATUA EQUESTRE DE S. MAJESTADE FIDELISSIMA D. JOSÉ I. Na face posterior, cercada de ornatos, em uma moldura lê-se a seguinte inscripção: PRIMEIRA PORCELLANA ACHADA EM PORTUGAL EM 1773 DESCOBERTA PELO BRIGADEIRO BARTHOLOMEU D. COSTA, NO MESMO TEMPO EM QUE CONTINUAVA O TRABALHO DE FUNDIR A REAL ESTATUA. E DO EXERGO DIZ: GRAVADA NO ARSENAL REAL DO EXERCITO. JOÃO DE FIG.ºº

O 2.º é outra placa de porcellana que de um lado representa as armas reaes portuguezas com o letreiro LISBOA 1773, e do outro a legenda: DESCOBERTO PELO TEN.º CORONEL BARTHOLOMEU DA COSTA.

O 3.º é muito importante porque não só confirma o assumpto, mas em breves linhas encerra a historia da estatua equestre. E' um quadro de porcellana que representa esta estatua, com o aparelho que a collocou sobre o pedestal, e a seguinte legenda commemorativa: FUNDIDA EM 15 DE OUTUBRO DE 1774. SUSPENDIDA EM 20 DE MAIO



POVOA DO VARZIM—LARGO DAS DORES (Segundo uma phototypia da casa Frits)

DE 1775. COLLOCADA EM 26 DE MAIO DE 1775. ABERTA COM ASSISTENCIA E DESENHO DO INVENTOR 1775. NO RETORNO VÊ-SE SOB A LEGENDA QUE DIZ O SEGUINTE. MAQUINA COM QUE SE SUSPENDEU E ELEVOU POR UM ANGELO RECTO FORA DA CASA DA FUNDIÇÃO PARA SE PÔR NO CARRO DE TRANSPORTE A REAL ESTATUA EQUESTRE DE S. MAGENTABE FIDELISSIMA O SENHOR D. JOZÉ PRIMEIRO, FUNDIDA DE UMA SÓ VEZ SEM A MENOR VENDA EM A REAL FUNDIÇÃO DE ART. NA INTENDENCIA DO TENENTE GENERAL DA ART. DO REINO MANUEL GOMES DE CARVO E SILVA, INVENTADA PELO BRIGADEIRO BARTHOLOMEU DA COSTA O PRIMEIRO QUE EM PORTUGAL ACHOU A PORCELANA E DESCOBRIU ESTA NO MEMO TEMPO EM QUE IDEAVA E CONTINUAVA O TRABALHO DE FUNDIR A REAL ESTATUA. NO EXERGO DIZ: LISBOA GRAVADA NO ARCANAL DO EXERCITO POR JOÃO DE FIGUEIREDO.

Estes tres documentos importantes, e que honram sobre maneira o nome muito conhecido de Bartholomeu da Costa e do artista João de Figueiredo, não devem esquecer na historia das artes e da industria portugueza. D'este ponto de partida deve ter nascido o ramo de industria hoje bem representado entre nós.

R.

AS NOSSAS GRAVURAS

HENRIQUE STANLEY

Ha cerca de um mez que appareceu, como um meteoro, em Lisboa este celebre viajante inglez.

Sabia-se que o intrepido explorador, tendo adoecido de uma teimosa dysenteria no alto Congo, onde desde 1879 anda em estudos e cuidando no estabelecimento de alguns pontos civilisadores, viera a Loanda tratar-se. De repente porem appareceu em Lisboa, sem que ninguem suspeitasse da sua vinda, nem mesmo a Sociedade de geographia, que não recebeu a tempo um telegramma que lhe fora expedido, já da barra, por um companheiro de viagem do explorador. Assim mesmo as pessoas que tiveram conhecimento do facto apressaram-se a ir cumprimental-o e fazer-lhe, como se diz, as honras da casa, mas Stanley esquivou-se a todas as demonstrações, que a sua presença em Lisboa poderia suscitar. Teve uma entrevista com os nossos notaveis exploradores Capello e Ivens, e partiu ao cabo de um ou dois dias, tendo-se mostrado, durante as suas entrevistas, mais reservado do que o é habitualmente.

O nome d'este celebre viajante é já hoje universal, e porisso daremos d'elle uns ligeiros traços biographicos.

Henrique Moreland Stanley é natural do principado de Galles em Inglaterra. Muito novo começou a leccionar, e foi admittido como adjunto n'um collegio. Pouco satisfeito d'este genero de vida, abandonou, em breve, o professorado, e partiu para a America do Norte.

Ahi começou a escrever para as folhas periodicas e tendo demonstrado espirito vivo, animo emprehendedor, muita penetração, e tino de observar, pôde conseguir o seu desejo: viajar.

Reconhecendo-se as suas nativas disposições foi encarregado por alguns periodicos americanos do mister de seu informador correspondente, reporter, em varias partes da Europa, nomeadamente pelo proprietario do *New York Herald*, um dos periodicos mais importantes do mundo.

Tinham-se espalhado pelos fins de 1869, na Europa, algumas noticias que annunciavam a morte do dr. Livingston, o notavel explorador da Africa, as quaes foram pouco depois desmentidas. Passaram-se porem muitos mezes sem que houvesse mais novas de Livingston. Alguns espiritos começavam a sobresaltar-se com tal silencio; o que suscitou a Bennett, director do referido periodico, a idéa de emprehender alguma coisa n'este sentido.

Partiu para a Europa, ou já se achava em Paris, e considerando as optimas disposições e animo ousado de Stanley, chamou-o áquella cidade, da Hespanha onde se achava, e depois de lhe indicar o seu projecto, e de encontrar em Stanley a mais decidida vontade de o executar, deu-lhe as seguintes instrucções:

«Assistir á inauguração do canal de Suez; subir o Nilo, informando-se da expedição de Samuel Baker, descrevendo ao mesmo tempo tudo o que houvesse de interessante para os viajantes, e organisando uma guia pratica, onde se mencionasse tudo o que fosse digno de se ver. Partir em seguida para Jerusalem, e tomar informações do resultado das pesquisas que ali andava praticando o capitão Warren. Seguir a Constantinopla, afim de se informar do que se passava entre o sultão e o khediva, d'onde passaria á Criméa a visitar os campos de batalha, da fa-

mosa guerra de 1856. D'ali partiria para o Caucaso e Mar Caspio, para tomar informações de uma expedição russa, que ia sair para Khiva, d'onde seguiria para a India pela Persia, visitando Persepolis e Bagdad, dizendo alguma coisa do projecto do caminho de ferro do Valle do Eufrates. Da India passaria a Africa, afim de procurar Livingston.»

Foram estas em resumo as instrucções que recebeu, e que executou á risca. Stanley tinha então 28 annos, pôde ver-se nos seus livros, como cumpriu a sua arriscada commissão, e como tendo chegado á India, em agosto de 1870, depois de mil contratempos, se encontrava a 10 de novembro de 1871 em Ujji, com Livingston.

Depois de receber os seus apontamentos, de combinar com elle novas explorações e de lhe deixar procurar os necessarios provimentos, partiu para Inglaterra.

Esta tinha mandado varios individuos em procura do doutor, quando Stanley appareceu e que deu as noticias que trazia, não foi acreditado, e a propria Sociedade de geographia de Londres duvidou das suas relações. Mais tarde, porém, fez-se-lhe justiça e foi premiado.

Em 1873 publicou o interessante livro—*Como eu encontrei Livingston*.

Do que viu e contou nasceu a idéa de uma travessia na Africa, partindo dos pontos onde estivera com Livingston, que pouco depois fallecera.

Esta viagem foi promovida pelo director do referido jornal sir Gordon Bennett, de combinação com o director do *Daily Telegraph* de Londres.

Stanley chegou a Zanzibar em 1874, d'onde partiu achando-se nas margens do Victoria Nyanza em principios de 1875. Torneou o lago em 58 dias embarcado no *Lady Alice*, reconhecendo ser o principal affluente d'aquelle lago o Chimi-yu, que parece ser a nascente mais meridional do Nilo. D'ali atravessou o Uganda, interessante reino selvagem pouco ou nada conhecido, travando relações com o seu rei M'tesa, chegando ás margens do lago Tanganika em 1876. Gastou cincoenta e um dias em circumnavegar o lago, e atravessando-o, percorreu o Nyangué, chegando ao Lualaba, que desceu com mil trabalhos e combates, difficuldades e perigos de todo o genero.

Não obstante isso pôde determinar-lhe as successivas direcções, concluindo por afirmar que o Lualaba, o Zaire e o Congo, são o mesmo rio. Continuando a exploração chegou a Cabinda em agosto de 1877, tendo realisado o seu programma, devassando os segredos do continente misterioso, como elle lhe chamou.

Advertia-se porem que varios pontos percorridos pelo explorador já tinham sido visitados nos seculos XVI e XVII por viajantes e missionarios portuguezes.

Chegando á costa occidental da Africa encontrou-se com os nossos exploradores Capello e Ivens e Serpa Pinto que então começavam os seus trabalhos n'aquella região que elle acabava de lustrar. Este encontro foi descrito no n.º 17 do nosso 1.º volume. É muito natural que este encontro influísse muito na resolução de Serpa Pinto.

A sua viagem soou com estrondo extraordinario nos dois mundos. O premio devido não se fez esperar. Stanley partiu para a Africa com o cabelo preto e voltou com elle branco.

Stanley publicou alem da obra citada a *Villa e viagem de Livingston*, em 1875, a *Terra dos Escravos* em 1879 sahio o seu livro *O Continente mysterioso*, onde vem relatada toda a sua viagem.

Pouco depois reunia-se o congresso de geographia em Bruxellas, 1878, ao qual não concorreu Portugal por uma falta qualquer de formalidade. O facto é que, em consequencia das resoluções d'esse congresso, Stanley tornou a partir para a Africa com o fim de fazer uma exploração no alto Congo. Sabe-se, porem, que a sua viagem não se limitou a uma simples exploração, mas que tem procedido ao estabelecimento de pontos chamados civilisadores, que são outros tantos nucleos de colonias, em pontos proximos ao que nos pertence, segundo parece.

Agora volta a Europa, diz-se que para apresentar certos planos á Sociedade de geographia da Belgica. Entre nós mostrou-se muito reservado. Com certeza os seus projectos não nos podem ser muito favoraveis, como o não são os de Brazza, a respeito do qual a imprensa franceza não encobre a sua opinião, favoravel a que sejamos esbulhados d'aquillo, em que temos prioridade e propriedade secular. Stanley partiu para Paris, tencionando visitar a Belgica, a Inglaterra e os Estados Unidos. Depois voltará á Africa.

Ha dez, ha vinte, ha trinta annos que ouvi-

mos dizer todos os dias que é necessario olhar attentamente para os assumptos d'Africa. Tem-se gasto alli bastante dinheiro, mas parece-nos que um tanto á tôa, sem um plano definitivamente assente.

A nossa Sociedade de Geographia já que trata de muita coisa que não é geographia, que na verdade é do que cuida menos, não seria mau que puzesse tudo o mais de parte, e se applicasse toda, sempre, a toda a hora, a todo o instante aos negocios da colonização d'Africa. Nós pediríamos aos seus membros que em lugar de irem para a serra da Estrella, ou para o Algarve, ou para o Alemtejo fazer explorações, fossem pregar pelo paiz esta nova cruzada, que não é de conquista pelas armas ou pelo fogo, mas pelo trabalho e pela civilização; que tratassem de desviar os milhares de colonos que todos os annos partem do continente e dos archipelagos dos Açores e da Madeira com destino á America e á Oceania, para as nossas colonias d'Africa, mas por meio de vantagens certas, positivas, convidativas e tangiveis, e não com o offerecimento de duas enchadas e uma pá e não sabemos que mais ridicularias, que ha tempos ahi appareceu n'um documento official.

Se não tratarmos d'isto, se não fizermos um esforço, dentro em pouco nos veremos cercados na Africa, não só por inglezes, mas por francezes, belgas, allemães e italianos, e depois de vermos passar as riquezas que podiam ser nossas, para as mãos d'elles, choraremos, como se diz, na cama, que é parte quente.

DEFEZA DE LISBOA E SEU PORTO

Forte do Bom Sucesso

Quando no nosso n.º 104 pag. 253 do IV volume demos a descripção do reducto circular de Monsanto, dissemos que elle formava a direita de um campo intrincheirado, que se continuava pelo reducto de Montes Claros e Alto do Duque (em construcção) e cuja extrema esquerda era formada pelo forte do Bom Sucesso, sobre a margem direita do Tejo: é esta obra que vamos hoje descrever.

O forte do Bom Sucesso, que a nossa gravura de pag. 228 representa, está construido proximo ao bello monumento manuelino, chamado no seu tempo castello e hoje torre de S. Vicente de Belem.

Junto a esta torre ha um parapeito corrido, que um muro separa de outra porção de parapeito muito mais extenso com terrapleno e guarnecido de onze canhões para salvas, parte que é conhecida pela bateria do corredor.

Vindo d'essa bateria encontra-se logo junto á porta o respectivo paiol, na parede do qual se vê uma inscripção commemorativa do anno em que foi construida a bateria, e dos individuos que intervieram n'esta obra.

Segue-se depois para oeste o que é propriamente a nova bateria Krupp.

Esta bateria é estabelecida no assento da antiga que ali existia e a barbeta.

Consta de seis canhoneiras separadas umas das outras por paiões alternados, um para projecteis e outro para cartuchos.

Estes paiões são de abobadas feitas de camadas de betão, de 1^m de espessura, tendo cada um uma sobre carga de 2^m de espessura, formando um barrete de arcaia revestido de adobes e de terra batida. Como em todas as partes onde ha estabelecimentos militares, a limpeza e o adorno não são esquecidos, e por isso estes barretes se acham cobertos por uma luxuosa vegetação de chorões de varias côres, que produzem o melhor effeito á vista, disfarçando o terror que todos os apparatus de guerra inspiram aos espiritos timidos.

Entre cada dois paiões estão as canhoneiras tendo uma plata forma de betão, coberto de um revestimento hydraulico e provida de calhas de ferro, que conduzem as aguas pluvias a uma valeta geral, que corre ao longo e á rectaguarda de todas as canhoneiras.

As quatro primeiras canhoneiras de leste para oeste estão artilhadas com quatro peças Krupp de 15 c e as duas ultimas, com dois canhões de 28 c do mesmo fabricante.—Estes canhões estão assentes nos reparos e caixilhos proprios de uma bateria de costa, sobre as referidas plataformas.

Junto aos patins das canhoneiras das peças de 28 c estão montados uns turcos de ferro para collocarem nos paiões parciais os projecteis trazidos do paiol geral, por uma zorra que gira sobre um caminho de carris, o qual discorre ao longo de toda a bateria.

D'este pavimento desce-se para as varias dependencias e estabelecimentos do forte. São es-

tes, a casa, provisoriamente, de residência do commandante da Torre de Belem; quartel dos officiaes da companhia de artilheria de guarnição no forte, que apenas pode dar alojamento por occasião de serviço, não dispensando a residência exterior; outra casa para secretaria do forte e do almoxarife: estas duas casas estão levantadas sobre armazens, e em occasião de crise terão de ser entulhadas ou destruidas.

Inferiormente ha o aquartellamento das praças de pret, composto de varias casernas e quartos e outras casas complementares, que circumdam um pateo ou terreiro, que serve de parada, no meio do qual ha um poço d'agua salobra, havendo mais dois em outras localidades.

Ha varios armazens para deposito de material de guerra, utensilios, mobilia, generos, combustivel, etc.

Ainda, a oeste e inferiormente a esta bateria, existe a chamada dos morteiros, composta apenas de um parapeto e terrapleno respectivo que se communica com um caminho que circunda o forte do lado da terra e serve como que de estrada coberta.

Tem o forte uma porta geral que dá entrada para a Torre e baterias mencionadas; tem outra que da parada dá para o caminho ou estrada citada, e outra que dá para a bateria dos morteiros.

O forte communica-se com a povoação do Bom Sucesso por um caminho ou estrada, que atravessa todo o areal, feita em aterro entre muros de supporte e de guarda. Este caminho é de area, incommodo para verão e inverno, e com pouca despesa se poderia não só dar-lhe um pavimento empedrado mas também guarnecel-o de arvores, que na epoca do calor dessem sombra a quem passasse.

A bateria pode dominar todo o leito do rio desde a ponta da Trafaria e ainda mais alem até Belem. Nas experiencias, que se fizeram ha mezes, portaram-se perfeitamente as peças, tanto de 15 como de 28, assim como a obra toda não soffreu nada mais do que os estragos no reboco, que a explosão da polvora causa sempre no que é dominado, principalmente, pelo sector de fogo.

Ha falta de uma cisterna n'este forte, para evitar o encommodo e inconveniente de ir buscar agua longe. Nós não podemos deixar de mencionar esta circumstancia, porque é uma coisa muito descurada entre nós; entendemos que logo que se faz uma obra, que se estabelece um aquartellamento, ou se arranjam casas para quartel de officiaes de uma guarnição, se deve primeiro que tudo procurar fornecer esses estabelecimentos da agua precisa, antes de os fazer habitar. O que se dá a este respeito n'este forte, passa-se em muito peores circumstancias: no reducto de montes Claros, e quartéis adjacentes, e no reducto de Monsanto não está este importante assumpto completamente regulado ainda.

Outro objecto importante é a falta de casas para residência de officiaes. A nossa imprevidencia em tudo, é a só culpada d'esta falta. Havia no Bom Sucesso uma casa que tinha acomodações para a habitação das familias dos officiaes do Estado maior de uma praça; habitou n'ella o duque da Terceira, que como se sabe era governador da Torre de Belem, cargo honorifico; em quanto foi necessaria para habitação do marechal — era propriedade do ministerio da guerra, supomos; — conservou-se, depois da sua morte porém vendeu-se. Produziu seis ou sete contos de réis, com o que não diminuiu um ceitil o deficit da nação, mas peoraram as condições dos officiaes da guarnição da praça.

As nossas economias são assim.

POVOA DE VARZIM — LARGO DAS DORES

Já em os n.ºs 119 e 120 do presente volume nos referimos a esta villa publicando por essa occasião duas gravuras das suas esplendidas praias.

Essas gravuras davam o aspecto d'aquella povoação maritima, uma das mais activas e industriosas de Portugal; hoje publicando a vista do largo das Dóres damos uma ideia do aspecto interior d'essa povoação que se tem desenvolvido e aformoseado, com edificios regulares e estabelecimentos importantes.

A direita da estampa vê-se o hospital, que foi começado em 1826 e concluido em 1835, composto de dois andares, de que o segundo foi recentemente construido.

Logo em seguida na mesma linha para a direita está a casa da Misericórdia, obra do seculo XVI, que já serviu de igreja matriz.

Para a esquerda da estampa avulta o edificio da capella de Nossa Senhora das Dóres, que domina a villa, e cuja elevada torre serve de guia aos mariantes.

E' ainda no largo das Dóres que está a escola municipal para o sexo masculino edificada com o legado do conde de Ferreira.

Em frente do hospital está o cemiterio publico, que fatalmente terá de ser mudado d'ali para ponto mais afastado da povoação, logo que esta cresça, como medida hygienica e de utilidade publica.

PINHAL DO URSO

Depois dos pinhaes de Leiria e do Vallado é esta matta a mais extensa das que formam o dominio florestal do estado.

Mede mais de 1000 hectares. Está situado no littoral, uns 20 kilometros ao sul do Mondego, e dista do oceano perto de 4 kilometros, que é a largura das dunas que lhe ficam ao poente as quaes são impellidas pelos ventos mareiros e correm sobre o pinhal, enterrando muitas arvores.

Esta matta antes de ser incorporada na Administração geral das Mattas, pertenceu á Universidade de Coimbra e parece que já foi maior. O pinhal das Correntes, muito cortado e invadido pelas areias, que hoje está completamente separado do do Urso por um largo areamento, é provavel que n'outro tempo estivesse unido com este e ambos formassem uma só floresta.

O arvoredo que aqui se encontra é quasi exclusivamente constituído pelo pinheiro marítimo ou bravo, que é o que mais prospera nas areias fundas e nos logares onde a proximidade do mar torna a atmosfera mais humida.

Segundo os melhores preceitos da silvicultura, o pinhal do Urso está dividido em talhões por meio de *aceiros*, que são ruas muito largas limpas de matos e arvoredos, e *arrifes* que são *aceiros* muito estreitos. Do lado do nascente e junto da borda do pinhal, ha de distancia em distancia uma casa de construção singela e elegante, que é habitada pelos guardas florestaes.

Como todas as mattas em que o arvoredo se apresenta bastante denso, o pinhal do Urso oferece bonitas *paysagens*, como é a que o Occidente apresenta hoje em gravura tirada de uma photographia do sr. Francisco Ferreira Loureiro.

Não é conhecida a origem da denominação d'este antigo pinhal, mas podemos naturalmente attribui-la á existencia de algum urso n'aquelle logar, hypothese muito admissivel, pois é certo que no tempo dos nossos primeiros reis, este animal perigoso habitava o paiz.

C. A. de Sousa Pimentel.

SUCCESSOS DO EGYPTO

VI

Nós não podemos fazer uma historia d'esta questão importante, e só apenas quizemos inteirar os nossos leitores do que procedem a intervenção, primeiro official da Inglaterra e da França, secundadas de certo modo pela Alemanha, Russia, Austria-Ungria, e Italia, e finalmente militar da Inglaterra.

O facto é que desde a subida de Arabi ao poder as condições das relações dos *controllers* europeus com o Egypto mudaram completamente, e isto não só pelo que tocava aos interesses europeus, mas aos do proprio Egypto.

Poucos dias depois da organização do novo ministerio entregavam os *controllers* francez e inglez, ao Khediva, o relatório annual da gerencia financeira pelo qual se mostrava que anteriormente á lei de liquidação da divida egypcia, de julho de 1880, a divida fluctuante do paiz se elevava a 18.500:000 libras egypcias, ou proximoamente 83:250 contos de réis, ao passo que se achava então reduzida a 3.550:000 libras ou 15:975 contos de réis, e havendo ainda a respeito d'este resto reclamações pendentes nos tribunaes que se referiam a 3.000:000 de libras, é muito natural que esta soffresse importantes reduções.

Quanto á divida unificada e á divida privilegiada o valor amortizado até 31 de dezembro ultimo era de 81.056:000 libras ou 365:152 contos de réis, ficando ainda para amortisar o capital de 357:991 contos proximoamente.

Outro traço caracteristico d'esse relatório indicava com relação ás previsões orçamentaes de 1881, que as entradas na caixa da divida mostravam um excedente de receitas de 1 1/2 por cento apenas sobre os rendimentos das provincias sujeitas á administração indigena, ao passo que os rendimentos administrados pelos europeus (*controllers* inglez e francez) accusavam uma elevação de 18 por cento com relação ás alfandegas,

44 por cento para os caminhos de ferro e telegraphos, 34 por cento para o porto de Alexandria a 49 por cento sobre os direitos dos tabacos.

Não podia apresentar-se demonstração mais evidente dos serviços prestados pelos europeus á terra do Egypto, muita superioridade dos seus conhecimentos e pratica dos negocios financeiros sobre os indigenas, assim não só certos sentimentos menos favoraveis de alguns europeus a respeito do modo de funcionamento das repartições anglo-francezes, se dissiparam, mas ainda causou muita impressão este resultado entre os egypcios, mesmo os mais exaltados.

R.

EPIHEMÉRIDES ARTISTICO-LITTERARIAS

(RELATIVAS A PORTUGAL)

1840. Outubro 11. — Representa-se pela primeira vez em Lisboa, no theatro de S. Carlos, a opera do maestro Coppola: *Joanna I, rainha de Napoles*, expressamente escripta para aquelle theatro.

Foi desempenhada pela Barili, Conti, Varesi e Fornasari.

1862. — 11. — Debut no theatro de S. Carlos do primeiro tenor absoluto Mongini na opera *Martha*.

Foi escripturado por 2.400\$000 réis mensaes.

1813. — 12. — Abertura inaugural do *Theatro de S. João*, no Rio de Janeiro, com a peça *Juramento dos Numes*, opera do maestro Marcos de Portugal, poema de Gastão Fausto da Camara.

Este theatro foi destruido por um incendio em 24 de março de 1823, reconstruindo-se com o nome de *Theatro de S. Pedro d'Alcantara*.

Thomaz Oom dá erradamente esta inauguração nas suas *Ephemérides Musicas*, como succedida em 11 de outubro do mesmo anno. O sr. Joaquim de Vasconcellos no quadro synoptico-chronologico das operas do grande maestro portuguez, que vem no tomo II da sua obra, — *Os Musicos Portuguezes*, — dá esta opera como representada a primeira vez no theatro de S. Pedro d'Alcantara, sem duvida manifesto equivoco, pois que a pag. 62, diz ter sido representada no theatro de S. João do Rio de Janeiro.

1860. — 12. — É denominado «Praça de Camões» o antigo largo do Loreto.

1845. — 12. — Primeira representação no *circo de Gymnasio*, ao Loreto.

1560. — 13. — Morre Luiza Sigéa, a sabia mestra dos filhos d'elrei D. Manuel, e designadamente da infanta D. Maria, em cujo palacio foi dama.

Casou com um fidalgo chamado D. João, que foi tronco da casa dos viscondes de Villar.

1870. — 13. — El-rei D. Sebastião visita a Universidade de Coimbra em companhia de seus tios o cardeal D. Henrique e o infante D. Duarte.

A oração de recebimento foi proferida pelo dr. Luiz de Castro Pacheco.

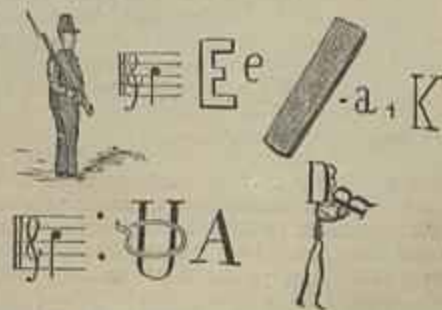
1661. — 14. — Morre o compositor portuguez, tão fallado no seu tempo, João Soares Rebello, mestre de musica d'el-rei D. João IV.

1774. — 15. — O engenheiro Bartholomeu da Costa conclue a fundição da estatua equestre d'el-rei D. José I, que em 6 de junho do seguinte anno é elevada na praça do Commercio.

Foi fundida de um só jacto. Tem 500 quintaes de bronze (2000 arrobas). Foi collocada no dia 27 de maio de 1875 e inaugurada em 6 de junho.

1834. — 15. — São approvados os estatutos da Academia Real das Sciencias, ordenados em por-

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:

Burro velho não aprende linguas.

taria de 9 de maio do referido anno, e aviso de 24 de dezembro de 1799.

1859.—15.—Ristori, a primeira tragica do mundo, dá no real theatro de S. Carlos de Lisboa a primeira das suas 15 recitas com o drama *Medea*.

A ultima da serie foi dada na noite de 19 de novembro, com a mesma tragedia. Em o primeiro de dezembro deu uma ultima representação com a tragedia *Judith*, partindo dois dias depois.

Ristori veiu novamente a Lisboa em 1878 dar uma nova serie de seis representações, que começaram em 6 de novembro, terminando a 14 do referido mez.

1544.—16.—É creada uma cadeira de Mathematica na Universidade de Coimbra, sendo nomeado para a reger o insigne mathematico Pedro Nunes.

Em 1772 foi creada a faculdade de mathematica como diremos em outro lugar.

1772.—16.—Reforma da Universidade de Coimbra pelo marquez de Pombal.

1867.—16.—Tem lugar no theatro do Gymnasio o debut da actriz Lucinda Simões, filha do actor Simões.

Foi com o drama do sr. Manuel Domingos dos Santos: *Bemvinda ou a Noite de Natal*, que se intitulou original portuguez mas que—quanto a mim—não passa de uma servil imitação do antigo drama francez *Bienvenue, ou la Nuit du Noel*.

Quanto á estreia da novel actriz não podia ser mais auspiciosa. Lucinda Simões é hoje uma das glórias do theatro portuguez.

1853.—17.—João Pereira e Silva e Matheus Pereira d'Almeida e Silva fundam o *Jornal do Commercio*. Este jornal foi a sequencia do *Paquete Commercial*, do qual haviam sahido 246 numeros, sendo o primeiro em 23 de março de 1852 e o ultimo em 12 de outubro de 1853.

Hoje compõe-se a redacção dos srs. Luiz Maria d'Almeida e Albuquerque, Paulo de Moraes, Quirino Chaves, Christovão Ayres, etc. O proprietario é o sr. Henrique Burnay.

1576.—18.—Morre Simão Gomes, o *sapateiro santo*, que qual outro Nostradamos, tinha sempre a casa cheia de beatos fidalgos que o hiam visitar e consultar sobre as suas *predicções do futuro*.

Foi o segundo tomo do celebre Gonçalo Annes Bandarra, seu collega no officio e na impostura.

1739.—19.—É queimado publicamente em um auto de fé, accusado de judaismo, Antonio José da Silva, notavel poeta comico portuguez, e au-

tor de numerosas comedias. Alguns lhe deram o nome de Plauto Portuguez.

Com elle foram queimadas sua velha mãe e sua esposa, Leonor Maria de Carvalho.

Paulo Perestrello da Camara, no tomo segundo do seu *Diccionario Geographico*, pag. 313, diz, inexactamente que Antonio da Silva fôra victima da inquisição em 1745.

O logar d'este auto de fé foi no *Campo da Lã*, hoje largo do Terreiro do Trigo.

1864.—20.—O camarista Antonio Moreira Pinto da Costa propõe em sessão camararia do Porto, se mande gravar na casa onde nasceu o visconde d'Almeida Garrett na rua do Calvario 37, 39 e 41, uma inscripção commemorativa.



TEMPLO DE NEPTUNO—Gravura extrahida do 1.º vol. da *Historia Universal*, do Dr. Jorge Weber—Edição da Empresa Litteraria de Lisboa

A camara approvou unanimemente esta proposta.

A inscripção é a seguinte:

Casa onde nasceu

em

4 de fevereiro de 1789

João Baptista da Silva Leitão

de Almeida Garrett

Mandou gravar á memoria do grande Poeta

A Camara Municipal d'esta cidade

em

1864

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

HISTORIA UNIVERSAL, original do dr. Jorge Weber, traducção e notas de Delfim d'Almeida, edição da Empresa Litteraria de Lisboa. Fasciculos 12 e 13 pertencentes ao 2.º vol.

Esta historia, que está hoje tradusida em to-

das as linguas cultas, tem por toda a parte tido o maior acolhimento, por ser um dos melhores livros de consulta para as pessoas que se desejam instruir com leituras sãs e proveitosas.

A edição portugueza é das melhores que se tem feito, porque além da boa execução typographica e bom papel, junta a circumstancia de ser illustrada com gravuras de pagina, impressas em separado, representando os factos mais importantes da historia, o que a torna ainda mais interessante.

Como specimem das illustrações do primeiro volume, que está já concluido, damos a gravura que vae n'esta pagina, e assim os nossos leitores melhor poderão fazer ideia do valor das illustrações que adornam este volume.

A assignatura para esta obra continua aberta no escriptorio da empresa, Rua Nova do Almada 36, e os srs. assignantes tem direito a diversos premios de valor que a empresa lhes offerece.

DICIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ, collaborado pelos principaes escriptores, edição da livraria Zeferino, Lisboa. Fasciculo 41 de 48 paginas infolio. Este fasciculo alcança até á palavra *Auxerre* e a paginas 1948 Segue com toda a regularidade esta importante publicação.

SOCIEDADE ANNUNCIADORA UNIVERSAL, J.B.

Agramunt y C.ª Barcellona. Um folheto de 87 paginas com uma relação de um grande numero de jornaes que se publicam no mundo, uma secção de anuncios e uma bonita capa em chromo lythographia.

CHRONICA ILLUSTRADA, proprietario e director Alberto d'Oliveira, Lisboa.

Sahiu á luz mais um numero d'esta elegante publicação, que não desmerece dos numeros antecedentes. É collaborado pelos artistas Ponsão, Vieira, Casanova, Vianna, Malhó, Pinheiro, Ramalho, L. Lallemand e J. Vaz. A parte litteraria, que é muito brilhante, é firmada por Beldemonio, João de Deus, Yorick, Moura Cabral e Anna de Albuquerque.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1882, LALLEMAND FRÈRES, Typ. LISBOA
6, Rua do Thezouro Velho, 6

ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE

PARA 1883

PUBLICADO PELA EMPREZA DO OCCIDENTE

Profusamente illustrado com gravuras portuguezas e uma linda capa em chromo-lythographia

Está publicado este interessante almanach, o mais elegante que se tem publicado em Portugal, e que no primeiro anno da sua publicação teve o successo mais completo.

Este almanach publica um enigma com nove premios ás pessoas que o advinharem.

A grande extracção que este almanach obteve no primeiro anno, permittio o fazer-se uma maior tiragem n'este anno, podendo assim a empresa vendel-o ao

PREÇO, EM LISBOA, 200 RÉIS

Para as provincias envia-se pelo correio a quem remetter 220 réis em estampilhas á **Empresa do Occidente**, rua do Loreto, entrada pela rua das Chagas, 42—Lisboa, onde devem ser dirigidas as encomendas.

CAPAS CARTONADAS

PARA ENCADERNAÇÃO DO

OCCIDENTE

A Empresa do Occidente tem á venda capas especiaes para encadernação em separado de cada um dos volumes do Occidente, 1.º, 2.º, 3.º e 4.º

PREÇO DE CADA CAPA 800 RÉIS

Para fóra de Lisboa enviam-se francas de porte a quem remetter a sua importancia em estampilhas ou vales do correio.

Recebem-se volumes para encadernar n'estas capas por 1\$200 réis.